

## Resenha

AMARAL, Leila. *Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Vitor de Lima Campanha<sup>1</sup>

O livro “Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era”, da antropóloga Leila Amaral, conta com sete capítulos, que abordam amplamente o que convencionou-se adjetivar como Nova Era. Trata-se de experiências caracterizadas, segundo a autora, pela errância religiosa e pelo cruzamento heterodoxo entre várias tradições, religiosas ou não. O estudo baseia-se, assim, nas ideias de circulação e fluxos de identidades, que caracterizam uma espiritualidade desterritorializada. Nesse contexto, privilegia-se a experiência individual com o sagrado e a contínua relação que ela estabelece com os mais plurais elementos rituais, em detrimento de conceitos cristalizados de religião ou crença. Para demonstrar essa dinâmica, a pesquisa etnográfica de Amaral centrou-se em eventos caracterizados como Nova Era no Brasil e na Inglaterra, entre junho de 1993 e fevereiro de 1997.

No primeiro capítulo, “A Nova Era em perspectiva histórica” (p. 21), a autora busca demarcar o surgimento da Nova Era. A convergência entre as religiões orientais, místicas e o pensamento ocidental teriam sido seu suporte inicial, em uma articulação que teve início na metade do século XIX – com o Espiritualismo, a Teosofia, o Transcendentalismo, entre outros – tendo alcançado maior expressão a partir dos anos 60 e 70 do século XX. Nessas décadas de contestação, tanto social quanto religiosa, surgem as primeiras experiências de combinações ecléticas de técnicas de autoaprimoramento em busca de expansão da consciência e do encontro com o *self*, o “verdadeiro eu”, contraposto ao ego. É importante destacar, porém, que tais métodos são retirados de seus contextos originais e instrumentalizados, muitas vezes a despeito das estruturas teóricas nas quais se baseiam.

Outra importante influência cultural para o surgimento da Nova Era seria a tradição romântica ocidental. A interpretação religiosa do universo, cuja inconcebível e misteriosa infinitude encerra um aspecto sobrenatural e divino, não comportaria uma visão dualista de

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: vitorcampanha@gmail.com

mundo. A busca por paz e uma reconciliação entre oposições, ideais românticos, teriam como consequência “a ideia de uma realidade dinâmica, na base de um processo sem fim da evolução espiritual do homem; do constante tornar-se pessoa humana e dos eventos que constituem a história natural e social, assim tornados únicos e incomparáveis” (p. 26).

Ao examinar o percurso das pessoas envolvidas na Nova Era, Leila Amaral observa duas tendências básicas que teriam proporcionado o surgimento de comunidades alternativas. A primeira diria respeito às pertencas definitiva ou provisória a grupos religiosos, tradicionais ou não, frutos de uma exploração de novos sistemas espirituais, emergentes a partir da efervescência espiritual dos anos 60 do século XX. Em segundo lugar, destaca-se um rompimento com pensamentos, teologias e crenças consideradas ultrapassadas, busca que está além de quaisquer limitações culturais. Essa segunda tendência, de acordo com a autora, seria atualmente a mais representativa; porém, é justamente a mobilidade, a plasticidade, a descontextualização e a transformação constante de diversas doutrinas e rituais que dificultam a definição do movimento Nova Era.

O segundo capítulo, “Ocultismo para não-iniciados” (p. 33), aborda a magia, representada por práticas, em geral terapêuticas, que tendem “a recriar o mito do indivíduo todo-poderoso” (p. 33). A autora utiliza o conceito desenvolvido por Leach, para quem a magia trata-se de crenças e ações que visam o controle de aspectos do ambiente, visando alcançar determinado objetivo, independentemente de comprovação científica ou empírica. Na Nova Era, a magia estaria relacionada ao conhecimento responsável por esse controle. Há uma contraposição à religião, através da qual o favorecimento pessoal adviria da veneração de seres sobrenaturais. A rejeição dos participantes de rituais Nova Era, porém, é focada não nesses seres, mas nos dogmas religiosos específicos que os definem.

Partindo da análise de rituais, *workshops* e palestras, Amaral apresenta três tipos de magia no universo Nova Era: autodefesa psíquica, meditação mágica e magia xamânica. O primeiro caso parte do pressuposto de que a magia pode ser usada destrutivamente contra alguém, intencionalmente ou não – ideia embasada por princípios da parapsicologia. Nesse contexto, é importante o conceito ocultista de “*psi*”, uma força que não estaria sujeita às leis da física e que, segundo a concepção Nova Era, estaria na base de “uma troca constante de forças que se contagiam mutuamente e se transformam umas nas outras em todas as dimensões de realidade” (p. 38), fazendo, assim, uma ponte entre o visível e o invisível. Tal ideia teria se intensificado ao entrar em contato com os conceitos da física quântica, relação geralmente articulada por meio de metáforas. Um exemplo dessa articulação é a ênfase em um suposto poder do pensamento, capaz de produzir realidades palpáveis e até entidades não

físicas. A pesquisa de campo da autora aponta também a procura da milenar técnica chinesa do *Feng shui* como uma forma de proteção psíquica, através da qual os participantes buscam purificação espiritual pela manipulação de energias positivas.

A meditação mágica, segundo tipo de magia do universo Nova Era, significaria “não controlar a mente, para deixar Deus comunicar-se com a própria pessoa e permitir-lhe falar diretamente com ele” (p. 50). O autoaprimoramento e purificação dos adeptos ficaria a cargo de práticas relacionadas à meditação, como *T'ai chi*, *Yoga* e *qigong*. Essas e outras práticas são geralmente combinadas e oferecidas por centros holísticos em forma de serviços ou de *workshops*.

Por fim, a magia xamânica estaria relacionada à visualização criativa, experiências individuais onde o adepto entra em contato direto com seres sobrenaturais – desde animais ou seres da natureza até anjos e espíritos protetores – por meio de estados alterados de consciência. O xamanismo, nesse caso, não está atrelado ao seu conceito tradicional e canônico, mas, no melhor estilo Nova Era, é ressignificado e oferecido em *workshops* por xamãs com grande capacidade de improvisação na criação de rituais. “Encontra-se aqui o princípio fundamental da cura mágica na Nova Era: o restabelecimento do contato íntimo dos homens com as forças sagradas do mundo [...]” (p. 56).

No terceiro capítulo, “A obsessão pela cura” (p. 61), Amaral analisa um ponto fundamental para o entendimento da Nova Era: um compromisso, por parte dos indivíduos, com o bem-estar coletivo, expresso na forma de uma integração planetária. Para o *new ager*, o mundo contemporâneo encontra-se invariavelmente em crise, necessitando de mudanças radicais de paradigmas e de uma transformação de consciência. O problema, cuja raiz encontra-se “na alienação do ego dos outros planos da existência para além dos seus próprios limites e dos limites da matéria” (p. 61), passa, portanto pela modificação individual. Assim, a restauração da saúde de cada indivíduo acarretaria também na restauração da saúde do mundo. Os principais processos de cura seriam dois: a cura harmônica e a cura xamânica. O primeiro está diretamente ligado à harmonização das energias do próprio corpo, “de maneira que elas ressoem com as mais amplas forças e leis da natureza” (p. 63), através de técnicas como o *Reiki* e o uso da homeopatia. A cura xamânica, por sua vez, relaciona-se com a visualização criativa e as viagens para o mundo não-material, penetrando a profundidade da matéria até seus blocos mais básicos. Tais experiências apropriam-se, metaforicamente, do léxico científico da física quântica e seus conceitos sobre partículas. Como exemplo desses tipos de cura, a autora apresenta a etnografia de sua vivência no *workshop The Healing Circles*, realizado em Lancaster, Reino Unido. Durante dez horas, Amaral participa de

brincadeiras, experiências e rituais, concluindo que há certo imaginário holístico que cria uma comunidade sem essência, ou seja, um ideal comunitário onde a conexão entre os indivíduos, sem fortes laços pessoais, expressa um “estar junto” antes de “estar com” (p. 96).

O quarto capítulo, “O poder sagrado do som” (p. 97), trata da música como um importante recurso ritual para a cura, a transformação da consciência e a elevação espiritual, valores caros aos adeptos do ideário Nova Era. Por meio de mais descrições etnográficas, a autora exemplifica os experimentos musicais da Nova Era. Assim como nos rituais de cura, eles retiram seu conteúdo de elementos culturais díspares, também com a mesma ênfase em antigas tradições orientais, xamânicas e folclóricas. Nesse contexto, a música surge como um elemento essencial do universo capaz de promover transformações no indivíduo e seu contato com Deus. Por meio da atmosfera ritual das vivências-espetáculo musicais, o indivíduo, agora *self* – o verdadeiro eu – relaciona-se com a totalidade de um sagrado traduzido “pela relação entre vibração, conexão e transformação” (p. 107), “criado e recriado no improvisado” (p. 109).

No quinto capítulo do livro, “Espiritualidade, diversão e consumo” (p. 123), Leila Amaral aborda a forma de consumo na Nova Era. Ao contrário de uma lógica capitalista, que transforma tudo em mercadoria, para a autora, esse consumo obedece a uma “exigência da lógica mesma dessa cultura espiritual” (p. 124). Nesse caso, consumir, para o *new ager*, é inerente moral e espiritualmente a seu modo de produção de valores. A antropóloga aborda a questão a partir de sua pesquisa etnográfica no *Mind Body and Spirit International Festival*, em Londres, feira com *workshops*, performances e tendências Nova Era. As terapias, livros, objetos, divulgações científicas, artísticas e filosóficas – os *spiritual crafts*, bens de consumo espirituais – cumprem na feira também a função de proporcionar lazer aos visitantes do festival, ao mesmo tempo em que são “instrumentos de aperfeiçoamento individual, ao invés de sistemas religiosos constituídos de crenças e dogmas” (p. 130).

O sexto capítulo, “Uma semana no Vale Dourado: a experiência liminar do encontro” (p. 145), trata-se inteiramente de uma etnografia a partir da participação da antropóloga no 17º ENCA – Encontro Nacional de Comunidade Alternativas Aquarianas, ocorrido próximo à cidade de Pirenópolis, em Goiás. Juntamente com a um heterodoxo grupo de 650 pessoas de várias partes do país, a autora passa por mais vivências, que incluem diversas técnicas de meditação, mantras, jogos e celebrações. Há também momentos de contato com entidades cujas mensagens canalizadas versam sobre a necessidade de transformação do ser humano e do mundo. É importante ressaltar que, no contexto da Nova Era, esses entes podem ser seres da natureza, espíritos, extraterrestres, anjos etc., considerados pela autora como formas contemporâneas de imaginar Deus não como um criador todo-poderoso, mas co-criador de um

mundo inacabado, que necessita a ação humana para o estabelecimento de sua plenitude. Baseando-se em suas vivências e entrevistas, Amaral destaca três questões formativas da Nova Era. A primeira delas é o entrecruzamento do “aqui” e do “além”, “sugerindo a existência de uma espécie de porosidade do mundo” (p. 186). Em segundo lugar, como já mencionado, está a “complementaridade entre as ideias de uma imanência imperfeita do homem e de uma limitação do divino” (p. 186), causadoras da necessidade da busca espiritual, bem exemplificada pelos participantes do encontro. Por último, elucida-se o conceito de errância, capaz de combinar fragmentação e parcialização de sujeitos e cânones simultaneamente.

No sétimo capítulo, “Encontro para a nova consciência ou o carnaval da alma” (p. 187), a antropóloga visa compreender a compatibilidade entre a errância religiosa e os processos de globalização contemporâneos. De acordo com a autora, as práticas da Nova Era, ainda que relativistas, acabam articulando, paradoxalmente, dois pólos de reações no contexto da contemporaneidade: o apego à ortodoxia das religiões, com “reações fundamentalistas frente ao deslizamento da verdade” (p. 187) e “a relativização das identidades no sentido coletivo-societal” (p. 187). A antropóloga apresenta a etnografia do Encontro para a Nova Consciência, ocorrido em Campina Grande, Paraíba, que reuniu representantes de diversas religiões e participantes sem vínculos com grupos religiosos específicos, sob o tema globalização. Amaral ressalta como o discurso predominante do encontro “a constituição do religioso como experiência espiritual de um universalismo pluralista” (p. 192), com a busca da convergência entre diferentes expressões religiosas. Essa suposta unidade apresenta-se com algumas variantes: pode ser vista a partir de uma ênfase na tradição, na vivência ou como algo ainda em construção.

Em suas conclusões, a autora ressalta que ainda que a religião deixe de ser, no mundo contemporâneo, organizadora da vida social, ela não se torna uma opção apenas individual, privada. A partir de maior afinidade com uma lógica cósmica e holística, ela passa a ser vista como patrimônio cultural, cujos símbolos e metáforas, deslocados de determinados grupos religiosos, passam a referir-se ao sagrado de uma forma globalizada. Para Amaral, o sincretismo da Nova Era ocorre justamente na movimentação, na errância, na busca de sentido, traduzindo-se em uma desterritorialização do sagrado. A Nova Era trafega, assim, na ambiguidade, na indefinição, “mais no domínio da adjetivação parcial do que no da substantivação determinante” (p. 211).